



CARTA SEMANAL

O Canário da Mina **79**

01 DE NOVEMBRO DE 2024

A corrida maluca
americana

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.



A corrida maluca americana

Na próxima terça-feira (5/11), teremos a eleição americana. Será? Quem vai ganhar? Quem é melhor para o Brasil: Kamala Harris ou Donald Trump? Para responder a essas perguntas, dividiremos a edição desta semana de “O Canário da Mina” (OCM) em três partes. Na primeira falaremos sobre as regras de uma eleição cuja disfuncionalidade vai muito além do Colégio Eleitoral. Na segunda, discutiremos as chances de cada candidato, com base em várias métricas. Por fim, na última veremos como as políticas de cada candidato podem afetar o Brasil.

Depois de quatro OCMs¹, a questão de o presidente dos Estados Unidos não ser eleito diretamente pelo voto popular, mas por um colégio eleitoral composto de 538 “electors” determinados pelos estados no esquema “o vencedor leva tudo”, já parece bem consolidada. Por exemplo, a Califórnia tem 54 “electors”, enquanto Vermont tem 3. Para ganhar a eleição, o candidato deve alcançar 270 “electors”. Essa forma de votação, teoricamente, faria com que tivéssemos que estimar as chances dos postulantes ao cargo em cada um dos 50 estados, bem como em Washington D.C. Para nossa sorte, a maioria dos estados historicamente tem “cores”: azul para democratas e vermelho para republicanos. Portanto, na verdade só precisamos estimar aqueles que nas últimas eleições oscilaram entre os partidos, os chamados “estados-pêndulo” (swing states). Nessa eleição são sete: Geórgia, Arizona, Wisconsin, Pensilvânia, Carolina do Norte, Michigan e Nevada. Além disso, temos que lembrar que nos EUA não há um órgão nacional que coordene as eleições, como nosso TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Cada estado tem sua legislação e, conseqüentemente, suas regras. Essa informação será muito valiosa ao longo do OCM. Bem, essas características básicas da corrida eleitoral americana já foram discutidas em outros OCMs, então vamos às novidades.

Na introdução fizemos uma provocação, colocando em dúvida a eleição da próxima terça-feira (5/11). Na verdade, não estávamos insinuando que haveria um complô para cancelar as eleições, mas que esse dia, 5 de novembro, não é “o” dia da eleição, apenas uma referência para ela. Explicando: como alguns devem ter lido nos jornais, a eleição americana já começou em muitos estados com os votos pelos correios. Mas muitos não são todos, ou quase todos. Dos 50 estados americanos, mais Washington D.C., apenas 3 não aceitam votos pelos correios – Alabama, Mississippi e New Hampshire. Dentre os demais, 9 aceitam, mas apenas mediante justificativas para não votar presencialmente. Entretanto, essa não é a única diferença entre os estados. Em 15 estados, mais Washington D.C., a eleição por carta começou em setembro, e, nos outros 32 que permitem, o voto pelo correio teve início em outubro. E não é somente isso. O primeiro estado a abrir essa forma de votação foi a Carolina do Norte, em 6 de setembro e o último, Utah, em 29 de outubro. Ou seja, o dia 5 de novembro já não poderia ser considerado “o” dia da eleição porque, na verdade, há a possibilidade de votar pelo correio antes disso. Além disso, ele não pode ser considerado o dia em que se encerra a eleição, porque 16 estados aceitam receber votos após essa data, em prazos que vão de 8 de novembro (Virgínia, Massachusetts e Kansas) a 26 de novembro (Washington). Só que a confusão não para por aí.

¹ OCM37, OCM45, OCM56 e OCM65.

Existe também a possibilidade de votar antecipadamente de forma presencial nos mesmos 47 estados que aceitam o voto pelo correio e, de novo, as datas para o início e o encerramento variam em cada estado. Por exemplo, os primeiros a abrir essa possibilidade foram Virgínia, Dakota do Sul, Minnesota e Idaho, no dia 20 de setembro. O dia 5 de novembro serve como limite máximo para esse tipo de votação, mas isso não significa que ela não possa ser encerrada antes, como nos casos do Maine e de Maryland, onde a votação se encerrou no dia 31 de outubro.

Dá para perceber que fazer projeções sobre o resultado das eleições americanas é uma tarefa hercúlea. Primeiro temos que elaborar hipóteses sobre o comparecimento ou não dos eleitores, dado que o voto não é obrigatório. Depois precisamos considerar que pessoas votaram de diferentes formas em diferentes dias, estando, portanto, expostas a diferentes acontecimentos. Por exemplo, o eleitor da Carolina do Norte que votou pelo correio antes do furacão Helene, que devastou o estado, poderia ter feito outra escolha depois do ocorrido. Mas, mesmo com todas essas diferenças, alguns padrões ajudam os estatísticos, como o fato de que os eleitores democratas antecipam mais seus votos do que os republicanos, que preferem votar presencialmente. Dessa forma, um grande fluxo de votos por antecipados pode ser uma boa notícia para Kamala Harris. Vamos começar por aqui nossa discussão sobre quem ganhará.

Por enquanto, a trajetória de votos antecipados está acima do que foi em 2020, quando Biden ganhou de Trump, tanto em nível nacional como em todos os estados-pêndulo – uma boa notícia para Kamala, que está ligeiramente atrás de Trump no agregador de pesquisas nacionais da RealClearPolling² (48,0% x 48,4%). Um empate nessa métrica é ruim para qualquer candidato democrata porque a votação através do colégio eleitoral favorece sempre o candidato republicano. Hillary Clinton ganhou de Trump por 48,2% a 46,1% no voto popular, mas perdeu no colégio eleitoral por 304 a 227. Al Gore ganhou de George W. Bush por 48,4% a 47,9% no voto, mas perdeu no colégio eleitoral por 271 a 266. Ou seja, um empate no voto popular não serve para Kamala ganhar no colégio eleitoral. Outra métrica que indica o favoritismo de Trump é o modelo de previsão do site FiveThirtyEight³, que dá 51,7% de chances de vitória para o candidato republicano.

Outra má notícia para Kamala Harris também vem das pesquisas, mas não das intenções de votos. Dos assuntos mais importantes para o eleitor americano definir o seu voto – economia, imigração e aborto – Trump lidera os dois primeiros. Além disso, a candidata democrata carrega o fardo de fazer parte de um governo mal avaliado. Para 61% dos eleitores, os EUA estão indo na direção errada e 46% dos entrevistados “desaprovam fortemente” Joe Biden como presidente. Kamala vem sempre frisando que ela não é Biden, mas, historicamente, governos mal avaliados tem dificuldades de eleger o seu sucessor.

Essa recuperação de Trump, tanto nas pesquisas nacionais quanto nas simulações do colégio eleitoral, também repercutiu nas casas de apostas. Segundo o site PredictIt⁴, ele tem 53,8% de chance de vencer a eleição presidencial, invertendo a tendência de vitória de Kamala Harris, que perdurou desde o anúncio de sua candidatura

² <https://www.realclearpolling.com/elections/president/2024>.

³ <https://projects.fivethirtyeight.com/2024-election-forecast/#electoral-college-probability>.

⁴ <https://www.predictit.org/markets/detail/7456/Who-will-win-the-2024-US-presidential-election>.

até o final de setembro. Além disso, as ações da Trump Media & Technology Group chegaram a subir 220,54% em outubro, para fechar o mês com alta de “apenas” 119,91%, mostrando a confiança na vitória do ex-presidente.

Portanto, mesmo considerando que, em 4 dos 7 estados-pêndulo, a diferença entre a candidata democrata e o candidato republicano é de menos de 1,0 p.p. – o que seria uma prova de que a eleição ainda está em aberto –, não dá para negar que Donald Trump é o favorito para ganhar a eleição presidencial americana deste ano.

Antes de entrar na última parte do OCM de hoje, onde falaremos sobre quem seria melhor para o Brasil, vale a pena ver outro fator que pode fazer a eleição dos EUA ir muito além do dia 5 de novembro, e não por causa das cartas eleitorais que chegarão depois dessa data. Em 27 estados, ou seja, mais da metade do total, existe a possibilidade de recontagem automática de votos. A diferença entre os dois candidatos para que isso ocorra varia em cada estado, indo de 0,25 p.p. a 1,00 p.p. Então, considerando todas as questões levantadas aqui, a eleição americana começa muito antes de 5 de novembro e pode ir até muito depois disso. De todo modo, a consultoria política Eurasia acredita que até sábado (9/11) saberemos o nome do novo presidente dos EUA. A conferir.

Pensando sobre os impactos nos ativos brasileiros, não há a menor dúvida de que o pior candidato para o Brasil é Donald Trump. Não que Kamala Harris seja uma maravilha de opção – longe disso, até porque sabemos pouco sobre seu plano econômico –, mas o que o candidato republicano promete entregar é exatamente o que o mercado mais teme: inflação. Basta olhar rapidamente para o plano de governo para saber de onde vem esse medo. As propostas de aumentar as tarifas sobre produtos chineses em até 60% e dos demais países em 10%, além de deportar até 1,3 milhão de trabalhadores imigrantes ilegais (10% do prometido), elevariam a inflação basal americana, segundo um estudo do Peterson Institute, em 2,0 p.p. Mais inflação, mais juros e, conseqüentemente, dólar mais forte. Essa parte do dólar forte não seria boa para sua política Make America Great Again (MAGA), mas seria muito pior para ativos arriscados, como os brasileiros. Dólar forte no mercado internacional significa real fraco, pressão sobre a inflação brasileira e, por consequência, menos espaço para queda dos juros por parte do Banco Central do Brasil (BCB). Entretanto, o dólar forte não é o único motivo pelo qual as promessas de Donald Trump seriam deletérias para o Brasil. Segundo um estudo da Goldman Sachs, a política tarifária prometida pelo candidato republicano poderia reduzir o crescimento da China em 1,0 p.p., o que com certeza não é uma boa notícia para quem vende mais de 30% de seus produtos exportados para lá. Ou seja, restam poucas dúvidas de qual candidato seria pior para o Brasil em caso de vitória na eleição americana: Donald Trump.

Para quem está acostumado a uma regra eleitoral única para todo o país, com dia predeterminado para votar, urna eletrônica e respeito à vontade do povo, as eleições americanas parecem realmente uma “corrida maluca”. Mas é considerando todas as disfuncionalidades descritas neste OCM que temos que responder às duas principais perguntas levantadas na introdução: “Quem ganhará?” e “Quem é melhor para o Brasil: Kamala Harris ou Donald Trump?”. Começando pela mais fácil, concluímos, sem muita dúvida, que Kamala Harris seria melhor para o Brasil.

Mais pelo que o candidato republicano diz que vai fazer do que propriamente pela plataforma de governo da democrata – que, diga-se de passagem, também não lá essas coisas. Já “cravar” quem vai ganhar é mais difícil, apesar de vários sinais indicarem que Trump é o favorito neste momento. O certo é que teremos muitas emoções na semana que vem e bastante volatilidade nos dias seguintes, caso o republicano saia mesmo vitorioso. E se a democrata ganhar? Bem, aí acreditamos que o problema será mais policial do que econômico. Veremos.

Frase da Semana

“Entre dois males, eu sempre escolho o que nunca tinha experimentado.”

Mae West

G5 Partners	2022	2023	2024	2025
IPCA (%)	5,79	4,62	4,60	4,00
SELIC F.P (%)	13,75	11,75	11,50	11,50
USDBRL	5,28	4,86	5,40	5,60
PIB (%)	3,00	2,90	3,10	2,00